

Sumário descritivo

GA 157a A formação do destino e a vida depois da morte

Rudolf Steiner Verlag Dornach 1981

Tradução: Salvador Pane Baruja, 29/07/2022

Uso particular e sem fins lucrativos

Sumário

Primeira conferência, Berlim, 16 de novembro de 1915

A vida espiritual no mundo físico e a vida entre a morte e um novo nascimento

Na atualidade, aumentam as perguntas sobre o mundo espiritual. A abrangência do mundo espiritual e do ser humano como microcosmo em oposição ao conhecimento humano sobre essas realidades. A vida entre a morte e um novo nascimento e o curto tempo da vida terrena. Como é regrada a posse, e a individualização, do fundamento humano da corrente hereditária durante o ingresso na vida terrena. A necessidade de uma permanente representação do eu para viver um dia a dia sadio. A ordenação da vida após a morte. A preservação da consciência do eu pelo caráter especial da visão retrospectiva da vida. O significado do momento da morte para o fortalecimento da consciência do eu. A respeito das pesquisas espirituais do sono e sua relação com a essência e a duração do estado do *Kamaloka*. A memória pós-morte é preparada durante o sono. O caráter da vida após a morte de falecidos jovens; a ajuda que eles prestam às almas que se encarnam e a visão retrospectiva espiritualmente mais forte. O significado da morte de muitos jovens para o desenvolvimento da humanidade: o arejamento da vida espiritual do futuro.

Segunda conferência, 18 de novembro de 1915

A vivência dos efeitos da última vida terrena e a sua transformação em forças para a próxima encarnação

A morte da diretora do ramo de Munique Sophie Stinde. A necessidade de buscar relações mais profundas nos difíceis eventos da atualidade. A sua comparação com as grandes batalhas no início da Idade Média e como elas impregnam a Europa política, cultural e espiritualmente para os séculos vindouros. A comparação das forças espirituais do cristianismo das catacombas com a força que vai se desenvolver com o trabalho espiritual íntimo da atualidade. O significado e a tarefa da vida do ramo antroposófico. Como se forma a consciência do eu após a morte no panorama da vida através do embate do que foi vivido anteriormente, assim como foi no corpo físico durante a vida terrena. A vida no *Kamaloka*: acostumar-se num mundo de almas e entidades como vivência interior do ser humano. Do reconhecimento de outras almas. A vivência retrospectiva dos efeitos dos atos da passada vida terrena. O desenvolvimento das forças que agem no equilíbrio do carma. A atitude de vida mais exteriormente ativa e a atitude mais interior e suas relações com a morte antes ou depois dos 35 anos de vida na última encarnação. Os tempos do florescimento e da morte na história da humanidade: a morte de muitas pessoas vem a ser a semente para o futuro florescimento espiritual.

Terceira conferência, 20 de novembro de 1915

Os fundamentos ocultos da vida anímica e da vida espiritual na morte prematura

A ação dos membros essenciais do ser humano nas épocas pós-atlantes. A formação da alma da consciência na atualidade por meio da ligação do eu com o corpo físico. Como ficam ocultas as profundas sabedorias do corpo etérico, do conhecimento clarividente do corpo astral e das elevadíssimas forças clarividentes do verdadeiro eu. O desenvolvimento do ser humano como uma disputa pessoal e a formação dessas forças. O significado de muitas mortes de expiação. O retorno das forças não utilizadas do corpo etérico, do corpo astral e do eu. A diferença entre o “ser” na vida terrena e na vida pós-morte: lá “é” apenas o que se gera ativamente na imaginação; a presença do ser terreno-material constitui lá um empecilho. O idealismo na Terra é uma força contra o materialismo, testemunho daquilo que não-é e daquilo que-deve-ser. As almas que passaram pelas

mortes de expiação são como “idealistas do mundo espiritual”: mensageiros das elevadas tarefas espirituais da vida terrena. Como permanecem ligados com o humano da Terra mesmo durante a vida pós-morte. Os efeitos da morte de expiação na próxima encarnação. Como o futuro da Terra depende dos frutos da morte de expiação.

Quarta conferência, 7 de dezembro de 1915

A correlação entre o mundo espiritual e o mundo físico considerando a vida pós-morte

A profunda transformação do ser humano em relação a um outro devido à morte. A diferença entre lembrar um evento terrenal passado e lembrar uma pessoa falecida. A percepção de um falecido em relação ao mundo terrenal, às almas ligadas a ele e às lembranças dessas almas. A questão do significado das lembranças de outras pessoas para o falecido. Como é viver com uma grande questão. A essência da apresentação artística é introduzir encantadoramente o espiritual no necessário decorrer terrenal. A sua equivalência interior do falecido vem a ser a vivência das lembranças da vida humana como a beleza iluminada na normalidade da sua vida pós-morte. A profunda correlação entre a vida da Terra e a vida no mundo espiritual. O abrangente “conhecimento” do corpo astral em relação ao conhecimento e às intenções da consciência superior. A ação do anjo protetor no corpo astral. A sutil e flexível fronteira entre o domínio do conhecimento mais elevado e a intenção consciente do ser humano. Os perigos para a vida na Terra quando o egoísmo penetra nas áreas mais profundas do corpo astral. Vencendo o egoísmo através da ampliação do interesse e do esforço espiritual. O “envelhecimento” do corpo físico e o “rejuvenescimento” do corpo etérico.

Quinta conferência, 14 de dezembro de 1915

Dos impulsos anímicos inconscientes

O homem duplo, na medida em que ele tem uma consciência convencional através dos instrumentos físicos e que nele mora uma profunda correlação da consciência criadora de um „espectador interior“; as flexíveis fronteiras entre ambas. A lembrança que vem da consciência convencional e sua transformação por meio da ligação com o ser humano mais profundo. Uma conversa sobre a novela *Hofrat Eysenhardt*, de A. v. Berger, um exemplo da aspiração que existe pelo espiritual e da possibilidade de captar as correlações interiores, mas que ficam no descompromissado nível do novelístico. As duas direções do espiritual: de um lado, furar o véu visível dos fenômenos naturais e mergulhar no processo de criar percepções ou, por outro, furar o véu da vida anímica. A correlação entre fortalecimento espiritual e os processos de morte; a corporalidade como “o fim do caminho de Deus”, segundo Oetinger e o início da vida futura. A tarefa do presente é assumir as correlações espirituais; ficam ainda os entraves do temor perante o espiritual e a resistência contra o deixar-se levar por forças suprasensoriais.

Sexta conferência, 19 de dezembro de 1915

A idéia do Natal e o mistério do eu

A inimizade entre seres humanos e a idéia da unificadora ligação do Cristo. A correlação da história da criação com o mistério do Natal. A lenda da árvore do conhecimento e da madeira da cruz. Da transformação do princípio luciférico, que entrou no desenvolvimento da Terra e do ser humano sem estar previsto, pelo mistério do Gólgota. O mistério do eu e a sua “permanência” no mundo espiritual após a primeira infância. A lembrança da humanidade dessa parte humano-espiritual através do Natal como a festa da criança espiritual. O surgimento e a apresentação das peças teatrais do Natal. Um livro de E. Haeckel. A possibilidade de, através do pensar atual, chegar tanto à falta de sentido da vida na Terra quanto de penetrar no sentido espiritual da Terra. A força da criança em pessoais muito especial, como por exemplo J. G. Fichte. O impulso que vem por meio da idéia do Natal.

Sétima conferência, 21 de dezembro de 1915

A escuridão da atual vida espiritual e o desamparado pensar da nossa época

Introdução à declamação de *A canção do sono de Olaf Åsteson*. As forças da morte e o germe da vida no núcleo essencial do ser humano. A presente tenebrosa vida cultural em relação ao conhecimento espiritual: a crença na autoridade do cientista especializado; o pensar desamparado; a pobreza de espírito do criticismo; o absurdo da obra de F. Mauthners *A crítica da fala* ea sua teoria dos sentidos do acaso; a presunção desse pensamento; a ação conjunta de Lúcifer e Árimã nesse pensamento. A necessidade de introduzir o devir no pensar endurecido. O evento crístico. Paulo. Da impossibilidade do pensamento do materialismo histórico de provar o evento crístico. Este só pode ser atingido pelo espiritual. O msitério do Natal. A novela de A. Stifter *O cristal de rocha*.

A canção do sono de Olaf Åsteson

Observações